

ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Obra Completa
Edição *ne varietur**

CAMINHO COMO UMA CASA EM CHAMAS

Romance
1.ª edição

* Edição *ne varietur* de acordo com a vontade do autor
Revisão filológica de
António Bettencourt



D. QUIXOTE



SEGUNDO DIREITO

Não gosto do apartamento porque não me encontro, pequeno, a brincar na marquise, alugámo-lo ao casar e o resultado estes filhos, a tua asma, sobretudo eu tão desajeitado, tão fraco, em solteiro a minha mãe protegia-me não do meu pai que nem me via, das minhas irmãs e do meu irmão, gabava-me às visitas

– Tira os óculos para a dona Adelaide reparar nesses olhos azuis
o mundo uma névoa difusa, a dona Adelaide surpreendida

– Quem havia de dizer que são lindos?
e logo a seguir com dó

– Que pena tantas dioptrias

não gosto do apartamento nem dos móveis, a água da jarra mais murcha que as flores, gritos de sobranceiras rápidas na janela a que chamam andorinhas, a minha mãe de súbito nova

– Primavera miúdo

como se a primavera se visse, talvez um tinir de faiança nas folhas ou mais raparigas lá fora e eu inexistente para elas, as sobranceiras do professor subiam do caderno até à minha cara sumindo-se a desprezarem-me nos telhados

– Em cada frase três asneiras

não gosto do quarto de que não tirei a poltrona na qual te sentavam com a máscara de oxigénio, um chinelo num pé, o segundo perdido, eram as tuas pálpebras que respiravam sobre a máscara, não os pulmões, as tuas pálpebras dois sapos com barrigas de pregas zangados comigo

– Nunca valeste nada

sob o cabelo também mais murcho que as flores, uns caulezitos cinzentos, umas pétalas húmidas, o pé do chinelo teu, o pé sem chinelo de uma estranha, durante meses a fio devolveste-me as cartas onde em cada frase três asneiras

– Que teimosia escrever-me

o pé sem chinelo desconhecido, vermelho, inchando e desinchando igualmente ao ritmo das pálpebras, o que não inchava e desinchava aqui, as paredes, a cama, os trinta anos que passámos juntos, escrevo-lhe porque aprecio a menina e não fui capaz de melhor que esta prosa idiota, não desejava ofendê-la, não gosto do quarto consoante não gosto do quarto dos meus filhos, foram-se embora e o contorno dos armários permanece no reboco, sinto-lhes e não lhes sinto a falta, não lhes sinto a falta, a janela deles para as traseiras, outrora um descampado com cordeiros a mastigarem o som dos badalos e agora um largo, a farmácia, Farmácia Salutar que nome, uma agência de viagens, o teu ombro num sorriso de troça

– Se lhe apetece continuar a escrever é consigo

de óculos como eu, nem sequer bonita, nem sequer simpática, o que achei em ti, não gosto do cão de loiça comprado num armazém de velharias no meio de estribos, lanternas, aparadores, foste direitinha ao animal

– Que giro

e embora não fosse giro calei-me, calei-me sempre, a cabeça do bicho a acenar

– Palerma

desde o primeiro dia até hoje

– Palermo

um buldogue com as bochechas pendentes da dona Adelaide, no caso de lhe perguntar

– Disseste o quê?

uma pausa perplexa, o queixo que hesita, reflecte, se decide por fim

– Palermo

sacudia-se a barriga oca e um parafuso a tilintar enquanto a água da jarra murchava, animava-se com o sol e tornava a murchar, não gosto do apartamento à noite porque tenho a certeza de ir morrer sozinho, o meu filho mais velho exige dinheiro que não há, a impressão que a minha mãe a chamar-me num agosto de outrora, no norte

– Joaquim

os meus cunhados na varanda, depois da varanda a vinha a descer, troçavam-me

– Tótó

e o meu pai não os desmentia, nos bolsos dele dúzias de palitos, a minha mãe indignada

– Qualquer dia não te sobra um dente na boca

e não me recordo de lhe assistir a um sorriso, lia o jornal o tempo inteiro ou seja na minha opinião não lia nada, não conversávamos ele e eu, a vinha e sem neblina os candeeiros de Manteigas ao longe, conversar de quê, tão parecidos, desajeitados, fracos, o que fez você de útil pai, o que se aproveita, o que fiz eu de útil pai, o que se aproveita, fitamo-nos e vazio, se ao menos a gente, para quê dizer, não interessa, moro neste segundo direito desde que casámos, a minha mulher sem óculos a descer as escadas da igreja agarrada ao meu braço

– Há mais algum degrau?

na sala o tapete que vai perdendo a cor, o sofá que me crava molas nas costas e a bandeja de cobre para o correio na arca da entrada, a lua

de mel numa hospedaria em Sintra com estrangeiros para cá e para lá
no corredor, a vergonha dos meus ossos saídos

– Não repares em mim

Sintra à noite, Manteigas à noite, o meu cunhado arquitecto

– Não é Manteigas é Seia

a minha mulher admirada

– Afinal é só isto?

apanhando os óculos da mesinha de cabeceira

– Só isto?

a camisa de dormir com laçarotes e rendas que a tua mãe te obrigou a dobrar na bagagem

– Os homens pescam-se com truques assim

e pescar-me-ias se eu um homem a sério, pernas em excesso que me embaraçavam, um botão solto

– Só isto?

pronto a esconder-se numa frincha e uma lasca de madeira a enterrar-se-me na palma, tiraste-a com a pinça dos pêlos

– Não seas maricas não dói

de mistura com o

– Não seas maricas

os estrangeiros sem descanso no corredor, Seia ou Gouveia, o meu cunhado médico

– Pelos meus cálculos Gouveia

e tu

– Não pode ser só isto

a cuba puxada do poço junto à cozinha, o bule de prata com pega de mogno e três malmequeres em relevo por cima, a minha mãe de mão na pega e o indicador da outra mão na tampa

– Mais chá senhor Fonseca?

chá para eles, leite para mim, o pires de biscoitos

– Não te sirvas antes dos crescidos

a minha palma

– Uma lasca que mal se nota não sejas maricas
 a retirar-se amuada, quando segredos com as amigas e eu entrava
 a minha mulher

– Vamos mudar de conversa
 e soslaio de escárnio

– Não é homem não é homem
 a água, então viva na jarra, a espreitar-me como elas, ao despedi-
 rem-se gargalhadinhas no patamar, suspiros da minha mulher antes de
 mais gargalhadinhas

– Tomara eu
 a minha mãe pronta a pegar-me ao colo salvando-me

– Joaquim
 dizer

– Mãe
 e continuar a dizer

– Mãe

até adormecer num divãzito que não existe mais, abraçado a um
 leão de pano a que faltava uma orelha e mesmo sem orelha me defen-
 dia do mundo, o meu cunhado médico para o meu cunhado arquiteto

– É capaz de ser Seia

candeeiros não fixos, indo e vindo, como o norte respira, uma
 via láctea de grilos campos fora cada qual com uma lanterna invisível
 de som, Gouveia ou Seia, grilos ou ralos, os sons alcançam distâncias
 infinitas nas trevas, olha a Beira Alta inteira a cantar, olha o cajado
 do louco de capote a quem os cães ladravam mais escanzelados que
 eu, comem galinhas, coelhos, Salazar não foi um ditador, foi, no
 vestíbulo um par de apliques de velas tortas, endireitava-as e incli-
 navam-se de novo, foi um patriota que pôs este país na ordem, em
 Portugal precisamos de um governo firme, não se tratava de eu haver
 perdido o emprego, com os funcionários do ministério a insultarem-
 -me

– Fascista fascista

tratava-se do abandono de África entregue de mão beijada aos comunistas, o teu pé sem chinelo de outra pessoa, a ausência de patriotismo, o desrespeito, a anarquia, por sorte os meus pais não assistiram

– Porque teima em escrever-me?

quando em cada frase três asneiras, aquilo em que esta terra se tornou, a tua família mais modesta que a minha, um dos meus avôs general, os teus não me contaste, a tua mãe a que a minha chamava senhoreca, mínimos em argola encaracolando-lhe os gestos, instalava-se na borda das cadeiras cerimoniosa, lenta, a escolher palavras difíceis, os meus cunhados em coro Susana se sair saia só sim? Sou só seu Serafim Sá Sousa e eu envergonhadíssimo, a dona Susana numa amabilidade furibunda

– Que divertido

enquanto pelo ângulo da boca

– Parvalhões

idêntica ao meu filho mais velho se não lhe dou dinheiro

– Parvalhão

de modo que eu não em Lisboa com vocês, na varanda do norte agarrado ao leão, o marido da dona Susana de chapéu com peninha, palavra de honra, a partir de certa altura as árvores não verdes, azuis e após a linha do comboio, no início da encosta, quase negras, o café num cruzamento, a merceariazita, a estação e de repente surgiu-me na cabeça o setembro das gralhas, não supunha que os eucaliptos, a minha mãe para a tua, não uma senhora, uma senhoreca e a filha daqui a vinte anos a mãe chapadinha

– Os meus genros adoram brincar conhece algum homem que tenha crescido não ligue

não supunha que os eucaliptos, o avô general de condecorações na moldura, importantíssimo

– Uma senhoreca sem cura e a tua noiva uma senhoreca também aguentassem dúzias de gralhas, centenas, milhares que não imitam

só os outros pássaros, nos imitam a nós, no setembro das gralhas eu ainda mais desajeitado e elas a macaquearem-me

– Mamã

não

– Mãe

como as minhas irmãs e o meu irmão

– Mamã

um senhoreco perfeito, de quem foste herdar isso, moro num segundo andar pretensioso, sem gosto, os azulejos da cozinha atrozes, por baixo um casal de judeus emigrados não sei de que sítio de um lado e um bêbedo com a família do outro, no terceiro uma atriz idosa, de que lugar vieram as gralhas expliquem-me, um prédio sem elevador nem garagem e a minha mãe obrigada a subir aquilo aos setenta e seis anos no seu luto de viúva

– Dão-me setenta e seis anos vocês?

implorando que lhe adiássemos a morte

– Não aguento a ideia do fim

o lábio a tremer, as pupilas misturadas, a mão das alianças corrigindo as feições conforme corrigia os retratos dos netos na camilha, Irina Jorge Sebastião e o abajur de pergaminho contra a parede de modo a que se notasse menos o buraco do cigarro

– Dão-me setenta e seis anos a sério?

que preferíamos nem sonhar quem o fez, não gosto do apartamento, gralhas a espiarem os sermões do senhor vigário e o chiar das carroças a espiarem a minha mãe

– Dão-me setenta e seis anos?

na hospedaria em Sintra a semana inteira o mesmo arroz de pato e o mesmo pudim servidos pela mesma empregada de alpercatas estalando contra os calcanhares, as almofadas húmidas, um cinzento constante, no caso de avançar a perna o teu tornozelo inerte nos lençóis fingindo que dormia e eu a sabê-lo desperto, se me aproximava um protesto na fronha

– Queres que eu caia no chão?

e o vento mudando o sentido da chuva, uma tarde uma gaivota num feto, a gerente com uma mancha vermelha na bochecha

– Tiveram azar com o tempo

tu do cachecol porque nunca era a garganta a falar-me, era o casaco, a gola, o cachecol

– Eu tive azar

eram na maternidade madeixas suadas e a cara que a borracha do cansaço esbateu comunicando à parteira

– Estou para saber como engravidei duas vezes

e no entanto não te foste embora porquê, jantares em silêncio, feriados amargos, tu não

– O meu marido

não o meu nome, tu

– Este aqui

e não me fui embora no receio das gripes solitárias feitas de chás de limão e sonhos confusos, da tristeza dos crepúsculos no inverno quando até o ruído de pratos invisíveis ou uma tosse na bancada ajudam, não me fui embora no medo de me tornar uma gaivota num feto que há-de tombar, que tomba, lembrando-se à medida que tomba do leão sem orelha e da bicicleta que lhe prometeram e não teve, do alvoroço feliz de quando o carteiro um postal, pular em torno da minha mãe

– Deixe-me ler como o pai deixe-me ler como o pai

e imitar que lia sem entender, encantado com o perfil de Salazar nos selos, a minha mãe na missa

– Reza a Nosso Senhor que ele continue a tomar conta de nós

a quantidade de coisas de que o passado é feito, os gatos arrastarão a gaivota para os arbustos e no dia seguinte um pacote de penas vermelhas, um olho fixo, o bico, no quarto de que não gosto a máscara de oxigénio e as pálpebras da minha mulher sem incharem nem desincharem, fixas como as da gaivota, o pé descalço fixo também, os óculos na mesinha de cabeceira subitamente enormes, coloquei-os na

esperança de perceber o que ela enxergava e não enxerguei fosse o que fosse excepto uma bruma uniforme, o meu filho mais novo

– Estou para saber como engravidei duas vezes

encontrou o chinelo perdido e calçou-lho, o meu filho mais velho embaciava a janela, o buldogue

– Palermo

sem descanso e a chuva na hospedaria de Sintra a alastrar no soa-lho, a minha mãe setenta e seis anos irremediáveis

– Dão-me setenta e seis anos vocês?

eu quase oitenta agora, quando a minha mulher faleceu, não a minha mulher, a minha esposa dona Susana perdoe, sessenta e oito ou sessenta e nove, uma questão de contar, sessenta e nove, desencantei numa gaveta as minhas cartas de namoro com anotações tuas a lápis

– Péssimo

como na escola, o lápis uma gralha fazendo pouco de mim, uma lágrima a tremer no nariz do meu filho mais novo, o teu corpo oblíquo na poltrona, a água da jarra tranquila, não gosto do apartamento nem gosto dos vizinhos, do bêbedo no primeiro esquerdo a quebrar a porta com um martelo

– É hoje

ou derrubando os vasos da entrada antes de se despenhar nos degraus enredado nas calças, a adormecer aos gritos e gritando ainda mais no, o meu pai não gritava, aceitava, seu sono até a filha o arrastar a perder os sapatos, vinha buscá-los depois mais o que lhe escorregou da algibeira, moedas, chaves, papéis e os judeus no patamar a espia-rem, nem no meu casamento bebi, apesar de tão aflito não bebi, o que faço logo, como faço logo, beijo-a onde, de que maneira a abraço, a minha mulher chegou do banheiro após eternidades de manobras secretas

– Em que se ocupam as mulheres às escondidas mãe?

de camisa de dormir com as tais rendas e laçarotes, gastou séculos a dobrar o vestido na cadeira, tão tensa quanto eu, pensei

– Será que a tua mãe te explicou?

deitou-se rígida à espera observando a lâmpada do tecto, eu com os dedos no nó da gravata esquecido de o desfazer, seguro que não te explicou, ganas de me ir embora, inventar desculpas

– Já venho

e regressar a Lisboa depressa onde a fechadura trancada, não mencionando a cómoda contra a parede, te impediriam de entrar, não existiu no universo aliança mais grossa que a minha essa noite pregando-me ao colchão, os lençóis esticados até ao nariz, a lâmpada do tecto indecisa

– E agora?

em Lisboa os meus pais que dormiam, o zumbido do frigorífico e saudades do frigorífico, do fogão que assisti a desembulhar, das formigas nos intervalos dos azulejos e das latinhas de salsa no peitoril, ao tirá-la o charco da roupa amontoava-se-me à volta das canelas, que salientes as tíbias, os ombros não me pertencem nem o, para quê designá-lo, assustavas-te a cada estrangeiro no corredor e eu a assustar-me contigo, um pigarro, uma tosse, vozes pontudas de criança ao enfiar-me na cama de meias postas sem pensar em tirá-las, pensando apenas

– De quem serão estas meias?

tu sem óculos cegueta, que tollice ficar em Sintra com uma cegueta e o vento na persiana, chuva, arbustos, troncos monstruosos que os faróis dos automóveis jogavam contra nós de mistura com pedregulhos e muros, a tua mãe teatral Sou só seu Serafim Sá Sousa

– Tome conta do meu bebé por favor

o teu pai uma espécie de abraço que não senti, limpando a papada com a emoção do lenço, a tua família longe da minha, cerimoniosa

– O avô dele general

senhorecas e senhorecos surripiando comida para sacos de plástico, luxos baratos, catraias de unhas pintadas, nenhuma parte tua à mostra, quem me jura que debaixo dos lençóis o teu corpo não uma garra a estrangular-me, o professor a ascender do caderno para mim

– Em cada frase três asneiras

de forma que tapar-me depressa a fim de escapar a ele em Lisboa e às moscas no norte que nem o meu avô general respeitavam, a minha mulher a observar a lâmpada no tecto e qual de nós a apaga, em torno da lâmpada enfeites de plástico quebrados imitando uma corola desdentada, não um quarto de hospedaria, um esconso, torneiras empenadas, o bidé que verte, ratos no forro acho eu, no norte comiam galinhas, a cozinheira

– Vejam lá não o comam a si

e durante que tempos eu incapaz de descer à vinha, o interruptor distantíssimo e os noivos sem coragem de atravessarem quilómetros, desligarem a lâmpada e regressarem orientando-se pelas frestas da persiana em que nuvens sobre nuvens, voos ensopados de coruja e novembro aumentando nódoas no estuque, Hospedaria São Pedro mil anos que viva não te esqueço, o professor chamava a um gordo que me oferecia rebuçados meu marido, participei ao meu irmão e o meu irmão

– E não é?

de maneira que tu e eu deitados a pasmar para a lâmpada, mesmo de pálpebras descidas lá continuava ela somando ao cor de rosa das nossas veias o das pétalas quebradas, o teu perfume alcançava-me devagarinho assustando-me mais, o facto de esfregares a orelha tornou-te menos perigosa, tinhas comichão como eu e por conseguinte talvez fosses humana, a minha mãe coçava-me as costas antes de adormecer, entregava-me o leão

– Toma lá

e se me acompanhasse a Sintra era fácil, folhas coladas aos caixilhos, pedaços de papel, raminhos, a impressão que os olmos aumentavam lá fora

– Não é complicado descansa

de modo que ao esfregares de novo a orelha tentei agarrar-te o pulso e afastaste-me, os teus dedos tão suados como os meus, o teu pescoço um coração de pardal a latejar, se o leão comigo rasgava-o ao meio e dividíamo-lo, cada um com o seu pedaço serenávamos,

dei conta das minhas meias dado que o teu pé me tocou, sumiu-se, tornou a tocar-me e não se foi embora, sentia cada falange através do tecido

– Quem manda?

– Salazar Salazar Salazar

o professor quero ouvi-los com força seus patriotas de merda, quando perguntar quem vive respondem Portugal Portugal Portugal de modo que até as girafas do Jardim Zoológico ladrem, ó gordo diz à tua esposa para ao menos imitar um homem, encontrei o professor muitos anos depois arrastando uma das botas, perguntei-lhe

– Lembra-se do meu marido o gordo?

ele uma expressão vaga que não se aguentava na

– Quem vive?

– Portugal Portugal Portugal

boca, mole, torta, um cartucho de sei lá o quê a deformar-lhe o bolso, em lugar de

– Em cada frase três asneiras

em lugar de

– Quem manda?

o professor

– Perdão?

esquecido da História, dos pronomes, dos bailes de sábado no clube recreativo onde dançava com uma modista, de Salazar

– Vi-o como daqui para aí na Exposição Colonial

tentando calcular em passadas, quatro ou cinco no máximo

– Como é Salazar senhor professor?

e ele mirando por cima de nós numa gravidade emocionada

– Um gigante

com certeza maior que eu na hospedaria em Sintra, de olhos na lâmpada que borboleteava desmaios, se em lugar de mim Salazar o teu pé não estava ali por acaso, eu escondo-me não me escondo

e a suspeita que uma pausa no vento, um intervalo na chuva, um alge-
roz a existir de repente pingando gotas de zinco, Susana se sair saia só
que lengalenga cretina, o professor

– Como daqui para aí

crescendo a anular a distância que o separava do gigante e a gente
em coro levitando de êxtase

– Salazar Salazar Salazar

de maneira que encorajado por ele beijei-te o pescoço de leve e
não me repeliste, a pele menos suave do que eu imaginava, a lâmpada
do tecto pareceu-me que a dilatar-se retraindo-me, o bêbedo forçava
a porta do primeiro esquerdo

– É hoje

a lançar o bengaleiro ao chão espalhando gabardines

– Canalhas

a estranhar-se no espelho

– Quem está aqui com vocês?

agora vagaroso, puxando o cinto, não gosto do buldogue comprado
num armazém de velharias a acusar-me

– Palermo

se me interessasse

– O quê?

uma pausa perplexa, o queixo que vacila, reflecte, se decide por fim

– Palermo

e por baixo do

– Palermo

um parafuso na barriga oca, o pai do meu cunhado médico, gran-
de, sonoro, não me chamava

– Joaquim

chamava-me, à saída da missa, não sei se sou infeliz, como se
mede a infelicidade, devo ser infeliz, como posso ser feliz sem o leão
de pano, a minha mãe

– Até aos cinco anos não largou aquele bicho

o pai do meu cunhado médico grande e eu magro, acorcundado, o nevoeiro não somente nos buxos, aqui no quarto separando-te de mim, sentia o teu pé sem te falar como beijei o pescoço sem falar também e nenhum suspiro teu, nenhum gesto, o pai do meu cunhado médico a enforcar-me no colarinho, terrível

– Querlinquinhas

o bêbedo acabou de se libertar do cinto num vagar meditado

– Onde te meteste Alexandra?

apartamento adiante em estrondos de escafandrista, sola após sola de chumbo esmagando o bairro e baralhando as certezas do buldogue agora reticente

– Não estou seguro de ter dito bem

enquanto o bêbedo pontapeava cadeiras, despenhava potes, arrancava cortinas

– Não te safas de mim Alexandra

o professor a meio do estrado

– Daqui para aí na Exposição Colonial amigos

chamando ao gordo meu marido e hoje descomposto, tontinho

– Perdão?

cercado de pombos que não tomavam conta dele, quem tomará conta dele e lhe dará de comer, um cicio às vezes

– Portugal Portugal Portugal

com Salazar a acenar-lhe como daqui para aí, tome o meu leão senhor professor que melhora, a minha mãe a tirar-mo

– Já és crescido miúdo vais andar com esse trapo atrás de ti toda a vida?

e se dependesse da minha vontade andava com aquele trapo atrás de mim toda a vida, na hospedaria de Sintra por exemplo tão necessário, a gerente

– O que é isso?

e eu a mostrar-lho

– Não vivo sem ele senhora

eu que não gosto do apartamento, não gosto do retrato a cor-tarmos o bolo, da tua expressão arrependida, da minha de pânico, o gordo

– Casaste?

e a lâmpada do tecto voltando a perseguir-me, nós dois na cama de pupilas redondas a fitá-la, se ao menos eu o cinto, caindo, levantando-me, caindo de novo

– Onde te meteste Alexandra?

a escancarar a despensa, a esfolar o cotovelo numa aresta, a apoiar-me nos umbrais e recomeçando com mais ímpeto, o pai do meu cunhado médico

– Querlinquinhas

eu para a minha mulher, de fivela ao alto

– É hoje

sob a chuva que recomeçou e o vento e os galhos, tu a procurares descer do colchão sem conseguires descer, vozes no corredor

– Portugal Portugal Portugal

fungadelas, tosses, a Alexandra, não tu, a Alexandra ou tu

– Não me bata

a juíza do segundo esquerdo, que sinistro este prédio, espalmado anéis nas orelhas na mira que eu cessasse de existir e existo, de borco no sobrado mas existo, sou eu quem manda, eu quem vive, eu quem te descobre agachada entre a cómoda e o reposteiro, a juíza refugiando-se no piano

– Jesus Cristo

a minha mulher a libertar-se

– Não

sou eu de meias meu amor, sou eu, tão canhestro, tão inseguro, tão bêbedo, chamando-te

– Alexandra

a estatelar-me na alcatifa e a erguer-me da alcatifa, a estatelar-me contra a camilha e a erguer-me da camilha, Susana se sair sai só sim? Sou só seu Serafim Sá Sousa, tão indigno de ti apesar de

– É hoje

não te apoquentes com o meu cinto, a minha raiva, o meu desejo

– Anda cá

de matar-te mas não te enerves, sobretudo não te enerves que não te faço mal, não diminuas na cama, não te ocultes dentro de ti, não me deixes, olha a persiana a estalar despregada de um dos lados e como Sintra se agita com o vento, não o vento, mil ventos, não um caule, mil caules que se dobram, como os arbustos enlouquecem, como as rãs uivam nos charcos, como as corujas se estrelam no muro, como este quarto oscila à deriva na água cada vez mais separado da terra, como o Querlinquinhas paira sobre o teu corpo, se o leão te consolar passo-te o leão, não te movas, fecha os olhos sob a lâmpada e abre os braços, para quê chamares-me meu querido ou minha jóia ou meu príncipe, abre os braços, não te rales com as minhas meias, não vale a pena tirá-las, vê-me daí para aqui e chega, meio metro se tanto, menos, quarenta centímetros, trinta, quase nenhum centímetro, nenhum centímetro já, não desvies a cabeça em busca da lâmpada porque não é hoje, é agora, pede

– Não me batas

pede outra vez

– Não me batas

dás pelos ratos não dás a furarem o interior dos tijolos, repara nas tuas pálpebras que incham e desincham, não os pulmões as pálpebras, dois sapos com barrigas de pregas, o teu pé sem chinelo desconhecido, vermelho, tudo incha e desincha, as paredes, o cobertor, o buldogue que

– Palermo

e

– Palermo o quê, não me faças perguntas, cala-te, eu para a minha mãe

– Repare como sou adulto não o Querlinquinhas o Joaquim a minha mãe para os meus cunhados

– O Joaquim mais alto que vocês afinal

e claro que o Joaquim mais alto, o Joaquim mais forte, o Joaquim mais enérgico, respeitem-me, eu para a minha mulher num desespero que o vento sopra e extingue

– Não encontro o sítio

e ao encontrá-lo perdi-o ou seja antes de encontrar acabou-se, creio que te ouvi

– Afinal é só isto?

apanhando os óculos da mesinha de cabeceira, te ouvi

– Só isto?

embora eu surdo ao teu lado na minha metade do colchão a observarmos a claridade da lâmpada na manhã que chegava.



SEGUNDO ESQUERDO

De manhã ao acordar não sei quem sou porque não conheço este cheiro que vai do corpo aos lençóis e dos lençóis ao quarto, não de cansaço nem de sono, a velha, as gavetas da casa dos meus avós quando eu pequena assim, as coisas em que tocaram assim, a roupa logo à entrada da porta assim, até a comida que me davam assim e as palavras que diziam assim e hoje quando me perfume sinto o cheiro por baixo, penso

– É impossível não sentirem o cheiro

que o perfume em vez de atenuar aumenta, a minha avó

– Quando cresceres

tentando abraçar-me e eu furiosa derivado ao cheiro, este cheiro, não me toque, morava em Castelo Branco e o que recordo de Castelo Branco é o frio de janeiro e os cães de caça do meu avô a espirrarem no pátio, a minha avó condoída com os bichos e o meu avô se os meter cá dentro perdem o olfacto, perdizes retiradas da bolsa para a mesa da cozinha, há quantos séculos não subo a tampa do piano, até há pouco um homem mais novo que eu chamando-me esquilo de perna cruzada no sofá

– Meu esquilozinho gorducho

trabalhava na secretaria do tribunal, entregava-me processos e levava processos, eu a ler e ele inclinado para a frente quase a roçar-me a bochecha na orelha, o meu marido deixou-me eram as crianças pequenas, a boca do homem mais novo movia-se sem que escutassem os sons, escutava o meu marido a deparar o guarda-fato, uma tarde a palma que se apoiava nas costas da cadeira poisou-me no ombro, levantei a cara e a palma em lugar de deixar-me com mais força, não cheirava a velho, cheirava a loção da barba e aos cães do meu avô no pátio nas alturas em que a cadela disposta a recebê-los, deu uma volta à fechadura, apertou-me o queixo com dois dedos

– Desde quando não tem um amigo senhora juíza?

e empurrei a língua contra o céu da boca, disso lembro-me, para que não se apercebesse da placa, que humilhação escová-la antes de me deitar, o vizinho por baixo de mim

– Não te escondas Alexandra

o filho do inquilino do segundo direito

– Quer os seus netos a morrerem à fome é isso?

não o doente dos nervos que quase nunca vinha, o outro, o homem mais novo de nariz na minha nuca

– Arrepio-a senhora juíza?

o vizinho por baixo de mim

– Não me faças zangar Alexandra

se eu não estivesse velha, cinquenta e nove anos, tão velha, lembro-me da minha filha a esfregar-se depois do meu beijo

– És velha

a minha mãe em Castelo Branco, Castelo Branco, Castelo Branco

– Que direi eu rapariga?

e os vapores da Gardunha ao longe, azuis, lilases, roxos, com as estevas a chegarem em sopros mornos a nós, há alturas em que me rodeiam ainda e então tenho outra idade, a minha mãe a esquecer-se das datas e dos nomes das pessoas, imobilizava-se a meio de um gesto